



ESTRESSE PSICOLÓGICO PRÉ-COMPETITIVO E VOLEIBOL: UM ESTUDO EM FUNÇÃO DO GÊNERO E DAS POSIÇÕES DE JOGO

José Roberto Andrade do Nascimento Junior
Guilherme Moraes
Lenamar Fiorese Vieira

Universidade Estadual de Maringá – Brasil

Resumo: Este estudo descritivo teve como objetivo analisar o nível de estresse psicológico pré-competitivo de atletas adultos de voleibol. Foram analisados 155 atletas do gênero masculino ($n = 60$) e feminino ($n = 95$) do Estado do Paraná. Como instrumento, utilizou-se o teste de estresse para o voleibol. Para análise dos dados, aplicaram-se o alfa de Cronbach, teste Kolmogorov-Smirnov, “U” de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis ($p < 0,05$). Os resultados evidenciaram que houve diferença significativa entre homens e mulheres em 16 fatores de estresse ($p = 0,001$), indicando influência negativa para as mulheres; em relação às posições de jogo, houve diferença significativa nos fatores “errar no início do jogo”, “pressão externa para ganhar”, “cobrança de si mesmo” e “comportamento da torcida fora de casa” ($p < 0,05$), evidenciando que esses fatores exercem influência negativa para os líberos. Concluiu-se que as mulheres e os líberos (jogadores de defesa) estão mais suscetíveis ao estresse psicológico pré-competitivo.

Palavras-chave: estresse psicológico; esporte; voleibol.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o estresse tem sido considerado pelos pesquisadores da área da saúde como o mal do século XXI, sendo visto como o principal responsável pelo aparecimento de doenças crônicas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o estresse já é uma epidemia global, afetando aproximadamente 90% da população mundial (AGUIAR et al., 2009). Dados da Associação Brasileira de Estresse revelam que mais de 50% das mortes no Brasil ocorrem em razão de doenças relacionadas ao estresse (LIPP; MALAGRIS, 2004). No esporte, o estresse está cada vez mais presente, uma vez que o ambiente competitivo apresenta inúmeros fatores estressantes para o atleta, o que pode influenciar de forma positiva ou

negativa o desempenho esportivo (DE ROSE JUNIOR, 2002; GIACOBBI et al., 2004; MARQUES et al., 2010).

O estresse pode ser definido como um processo pelo qual um indivíduo percebe determinados eventos (estressores) e responde a eles, os quais podem ser entendidos como danosos, ameaçadores ou desafiadores (LAZARUS, 1991). De acordo com o modelo transacional de estresse de Lazarus (1993), uma experiência de estresse depende da avaliação cognitiva do indivíduo, do impacto do agente estressor potencial e do evento ou da situação (FOLKMAN et al., 1986), e, em cada caso, o indivíduo deve ajustar-se de forma contínua aos desafios cotidianos (LAZARUS; FOLKMAN, 1987).

Dessa forma, o impacto de um estressor depende de um processo de três etapas de avaliação cognitiva. A primeira etapa é a avaliação primária, fase na qual os eventos são percebidos pelos indivíduos como irrelevantes, positivos ou desafiadores. A etapa seguinte é a avaliação secundária, momento no qual o indivíduo verifica seus recursos e suas capacidades para enfrentar o desafio gerado pelo estressor. A última etapa é a reavaliação cognitiva, que é o processo pelo qual os eventos estressantes são reavaliados de forma constante pelo sujeito (LAZARUS, 1991; STRAUB, 2005).

Nos últimos anos, estudos têm sido realizados relacionando o estresse com trabalho, drogas, saúde, qualidade de vida ou comportamentos de risco (FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001; BARROS; NAHAS, 2001; CAMELO; ANGERAMI, 2004; AGUIAR et al., 2009). No contexto esportivo, Koruc et. al (2007) apontam que o estresse pode ser causado por características pessoais, exigências físicas e traumáticas, expectativas sobre o desempenho e relacionamento com pessoas significativas. As situações estressantes, se avaliadas de forma negativa, podem desencadear déficits de atenção, aumento da tensão muscular, redução da flexibilidade e da coordenação motora, e eficiência muscular, impedindo que o atleta adote comportamentos e padrões motores rápidos para evitar situações perigosas ou agir de maneira apropriada a um bom rendimento (STEFANELLO, 2007).

No entanto, no cenário científico brasileiro, são poucos os estudos relacionados ao estresse psicológico pré-competitivo no esporte, principalmente em atletas de voleibol, que analisam os fatores que influenciam o desempenho de atletas de uma forma geral (KELLER et al., 2005; ROHLFS et al., 2005; GOUVEA et al., 2007; ALIX-SY; SCANFF; FILAIRE, 2008; SCHIAVON et al., 2010; BALBIM, VIEIRA, NASCIMENTO JUNIOR, 2011). Em geral, esses estudos não abordam como cada fator de estresse influencia o rendimento de um atleta em função do gênero ou da posição de jogo, com exceção do trabalho de Noce e Samulski (2002), focado na posição de atacante. Dessa forma, existe uma lacuna em relação ao estudo do estresse

pré-competitivo que o presente estudo pretende explorar, ao analisar o estresse psicológico pré-competitivo em função do gênero e da posição de jogo do atleta.

Com base nisso, o presente estudo teve como objetivo analisar o nível de estresse psicológico pré-competitivo de atletas de voleibol do Estado do Paraná, buscando especificamente comparar o nível de estresse psicológico pré-competitivo em função do gênero e das posições de jogo. O estudo teve como hipóteses conceituais que atletas do gênero feminino irão perceber as situações estressantes de forma mais negativa do que atletas masculinos e que, entre as diferentes posições, os jogadores enxergarão os estressores da mesma forma, já que não há na literatura suposições a esse respeito.

METODOLOGIA

Participantes

Foram convidadas a participar do estudo todas as equipes adultas do gênero masculino e feminino de voleibol classificadas para a fase final dos Jogos Abertos do Paraná 2010, totalizando 240 atletas. No entanto, fizeram parte do estudo atletas de 12 equipes do Estado do Paraná, totalizando 155 atletas do gênero masculino ($n = 60$) e feminino ($n = 95$), que consentiram voluntariamente em participar do estudo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Instrumentos

Para verificar o nível de estresse psicológico pré-competitivo dos atletas, foi utilizado o teste de estresse psíquico para o voleibol (TEP-V) que aborda questões sobre as situações e condições que podem representar uma carga psíquica em competições. O instrumento foi elaborado e validado por Noce e Samulski (2002) com base nos testes de carga psíquica de Frester (1972) e Teipel (1992). O teste é composto por 30 itens que se referem às situações que podem interferir no rendimento dos atletas. Os participantes deveriam registrar as respostas de acordo com o grau de influência negativa ou positiva do estímulo estressor (de -3 a +3).

A estimativa de consistência interna foi computada para cada item do TEP-V em relação aos indivíduos avaliados. Os valores do alfa de Cronbach para todos os itens do questionário foram considerados aceitáveis de acordo com as recomendações psicométricas, uma vez que o alfa variou de $\alpha = 0,87$ a $\alpha = 0,92$.

Procedimentos

A pesquisa está integrada a um projeto institucional sob parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos nº 175/2007. Inicialmente, foi solicitada a

autorização do diretor e da comissão técnica das equipes de voleibol. A coleta de dados foi realizada durante a fase final dos Jogos Abertos do Paraná, de acordo com a disponibilidade das equipes e o agendamento dos técnicos. Os dados foram coletados no segundo semestre de 2010.

Análise dos dados

Para a avaliação da consistência interna dos itens do TEP-V, efetuou-se o alfa de Cronbach, e, para a verificação da distribuição dos dados, utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov. Como os dados não apresentaram distribuição normal, utilizaram-se mediana (Md) e quartis (Q1; Q3) para caracterizar os grupos e o teste “U” de Mann-Whitney para a comparação entre os gêneros (masculino e feminino). Para a comparação entre as posições de jogo (atacantes, levantadores e líberos), adotou-se o teste de Kruskal-Wallis (teste não paramétrico) a fim de verificar a diferença entre os grupos, seguido do teste “U” de Mann-Whitney, cujo propósito foi constatar as diferenças entre pares de grupos. A significância adotada foi $p < 0,05$.

RESULTADOS

Inicialmente, apresenta-se o perfil da amostra (Tabela I) em relação às variáveis idade e tempo na atual equipe, em função do gênero e da posição de jogo. Em seguida, faz-se uma comparação dos fatores e das condições que podem influenciar o rendimento dos atletas de acordo com gênero. Por fim, comparam-se os fatores e as condições que podem influenciar o rendimento dos atletas de acordo a posição de jogo.

Tabela I

Perfil da amostra dos atletas de voleibol do Estado do Paraná para os parâmetros idade e tempo na equipe

Dados descritivos dos atletas	Gênero		Posição de jogo		
	Masculino	Feminino	Levantador	Atacante	Líbero
	(n = 60)	(n = 95)	(n = 37)	(n = 92)	(n = 26)
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)
Idade (anos)	21,0 (18,0;26,0)	21,0 (19,0;24,0)	22,0 (18,5;26,5)	21,0 (18,3;25,0)	20,0 (19,0;21,5)
Tempo na equipe (anos)	2,0 (1,0; 4,0)	2,0 (1,0; 4,0)	2,0 (1,0; 4,0)	2,0 (1,0; 4,0)	2,0 (1,0; 4,2)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em relação ao gênero, observou-se que 95 (61,3%) atletas são mulheres, e 60 (38,7%) são homens (Tabela 1). Em relação às posições de jogo, 37 (23,9%) atletas são levantadores, 92 (59,4%) atacantes e 26 (16,8%) liberos. Em relação ao gênero e às posições de jogo, a mediana da idade ficou entre 20 e 22 anos, e a mediana de tempo na equipe foi de dois anos. A Tabela 2 apresenta os fatores e as condições de estresse com diferença significativa de acordo com o gênero.

Tabela 2
Fatores de estresse com diferença significativa em função do gênero dos atletas de voleibol do Estado do Paraná

Fatores de estresse	Gênero		P
	Masculino (n = 60)	Feminino (n = 95)	
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	
Errar no início do jogo	0,0 (-1,0; 1,0)	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,001*
Errar no fim do jogo	0,5 (-1,0; 3,0)	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,001*
Dormir mal na noite anterior	1,0 (-1,0; 2,0)	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,001*
Derrotas anteriores	0,0 (0,0; 1,0)	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,001*
Condicionamento físico ruim	1,0 (-1,0; 2,0)	-2,0 (-3,0; -1,0)	0,001*
Preparação técnico-tática inadequada	0,0 (-2,0; 2,0)	-2,0 (-3,0; -1,0)	0,001*
Falta de preparação psicológica	0,0 (-1,0; 2,0)	-2,0 (-3,0; -1,0)	0,001*
Conflito com o treinador	0,0 (-1,0; 3,0)	-2,0 (-3,0; 0,0)	0,001*
Conflito com companheiros	0,5 (-1,0; 2,0)	-2,0 (-3,0; 0,0)	0,001*
Conflito com familiares	0,0 (-1,0; 1,0)	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,001*
Ser prejudicado pelo árbitro	0,5 (-2,0; 2,8)	-1,0 (-3,0; 0,0)	0,001*
Condições de jogo inadequadas	1,0 (-1,0; 2,0)	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,001*
Entrar no jogo machucado	1,0 (-2,0; 2,0)	-1,0 (-3,0; -1,0)	0,001*
Machucar-se durante o jogo	1,0 (-2,0; 3,0)	-2,0 (-3,0; -1,0)	0,001*
Nervosismo excessivo	1,0 (-1,0; 2,0)	-2,0 (-3,0; 0,0)	0,001*
Jogar após o 25º ponto em desvantagem	0,0 (0,0; 2,0)	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,001*

* Diferença significativa $p < 0,05$ – teste “U” de Mann-Whitney.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Notou-se que houve diferença significativa entre os gêneros nos fatores “errar no início do jogo”, “errar no fim do jogo”, “dormir mal na noite anterior”, “derrotas anteriores”, “condicionamento físico ruim”, “preparação técnico-tática inadequada”, “falta de preparação psicológica”, “conflito com o treinador”, “conflito com

companheiros”, “conflito com familiares”, “ser prejudicado pelo árbitro”, “condições de jogo inadequadas”, “entrar no jogo machucado”, “machucar-se durante o jogo”, “nervosismo excessivo” e “jogar após o 25º ponto em desvantagem” ($p = 0,001$). Nos fatores “errar no fim do jogo”, “dormir mal na noite anterior”, “condicionamento físico ruim”, “conflito com companheiros”, “ser prejudicado pelo árbitro”, “condições de jogo inadequadas”, “entrar no jogo machucado”, “machucar-se durante o jogo” e “nervosismo excessivo”, as mulheres são influenciadas negativamente, e os homens são influenciados positivamente.

Já nos fatores “errar no início do jogo”, “derrotas anteriores”, “preparação técnico-tática inadequada”, “falta de preparação psicológica”, “conflito com o treinador”, “conflito com familiares” e “jogar após o 25º ponto em desvantagem”, os homens não percebem essas situações como intervenientes no desempenho, enquanto as mulheres as consideram negativas. A Tabela 3 apresenta os fatores de estresse que apresentaram diferença significativa de acordo com a posição de jogo.

Tabela 3

Fatores de estresse com diferença significativa em função das posições de jogo dos atletas de voleibol do Estado do Paraná

Fatores de estresse	Posição de jogo		
	Levantador (n = 37)	Atacante (n = 92)	Líbero (n = 26)
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)
Errar no início do jogo	0,0 (-1,0; 1,0) ^a	-1,0 (-1,0; 0,0)	-1,0 (-2,0; 0,0) ^a
Pressão externa para ganhar	-1,0 (-2,0; 0,0)	0,0 (-1,0; 1,0) ^b	-2,0 (-2,0; 0,0) ^b
Cobrança de si mesmo	0,0 (-2,0; 0,0) ^c	0,0 (-2,0; 1,0)	-1,0 (-3,0; 0,0) ^c
Comportamento da torcida fora de casa	0,0 (0,0; 2,0) ^{d/e}	0,0 (-1,0; 0,8) ^d	0,0 (-2,0; 0,3) ^e

Diferença significativa – $p < 0,05$: a = levantador e líbero; b = atacante e líbero; c = levantador e líbero; d = levantador e atacante; e = levantador e líbero.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Verificou-se que houve diferença significativa no fator “errar no início do jogo” e “cobrança de si mesmo” entre o levantador e o líbero, e, na condição de “pressão externa para ganhar”, entre o atacante e o líbero. Nota-se que os líberos são influenciados negativamente pelos três fatores, mas para os atacantes e levantadores, esses fatores não exercem nenhuma influência. Observou-se diferença significativa também no fator “comportamento da torcida fora de casa”, no qual os levantadores percebem essa situação estressante mais positiva para o desempenho quando comparados com os atacantes e líberos.

DISCUSSÃO

Na Tabela 1, nota-se que os levantadores têm maior mediana de idade ($Md = 22,0$) e as mulheres enxergam diversas situações como influenciadoras de forma negativa. No caso dos homens, essas situações não exercem nenhuma influência ou são vistas de forma positiva para o desempenho (Tabela 2). Além disso, os líberos consideraram algumas situações como influenciadoras negativas no desempenho quando comparados com os atacantes e levantadores (Tabela 3).

Na análise do estresse psicológico pré-competitivo dos atletas de voleibol, os fatores de estresse apresentaram maior influência negativa para o rendimento das mulheres quando comparadas aos homens (Tabela 2). Nenhum dos fatores apresentou influência positiva para as mulheres, enquanto, para os homens, os fatores que apresentaram influência positiva foram “machucar-se durante o jogo”, “entrar no jogo machucado”, “condições de jogo inadequadas”, “condicionamento físico ruim” e “dormir mal na noite anterior”.

Quanto ao fato de o estresse ser percebido de maneira diferente pelos indivíduos, Thatcher e Day (2008) apontam que o significado atribuído aos estímulos estressores e aos recursos pessoais para lidar com estes determinará quão prejudicial o estressor será. Dessa forma, o resultado obtido nesta pesquisa vai ao encontro das etapas de avaliação do agente estressor proposta pelo modelo transacional de estresse de Lazarus (1993), segundo o qual os homens reagem ao estresse com o foco no problema, com o objetivo de reduzir as demandas do estressor e aumentar os recursos para reagir a essas situações. Assim, percebe-se, no presente estudo, que os atletas masculinos possuem uma visão focada no problema, pois transformam situações adversas em condições positivas para o desempenho esportivo.

Por sua vez, os fatores que apresentaram maior influência negativa no rendimento para as mulheres (Tabela 2) estão relacionados aos aspectos emocionais, tais como: “nervosismo excessivo”, “ser prejudicado pelo árbitro”, “conflito com o treinador”, “conflito com companheiros”, “conflito com familiares”, “falta de preparação psicológica” e “pressão externa para ganhar”. Percebe-se que as atletas femininas apresentaram maiores níveis de estresse em comparação ao gênero masculino, o que demonstra que são mais suscetíveis negativamente aos fatores de estresse (STRAUB, 2005), além de serem mais responsivas emocionalmente a situações estressantes (LAZARUS; FOLKMAN, 1987). Dessa forma, a hipótese conceitual do estudo é aceita.

Esse resultado corrobora os estudos de Noce e Samulski (2002) sobre atletas de voleibol e de Marques et al. (2010) sobre atletas de diversas modalidades, além de outros estudos de população de não atletas, como os de Calais, Andrade e Lipp

(2003) e Areias e Guimarães (2004). Nesses estudos, as mulheres apresentaram níveis maiores de estresse físico, psicológico e geral quando comparadas aos homens. Esse maior nível de estresse entre as mulheres também vai ao encontro do estudo de Keller et al. (2005), quanto aos sintomas de estresse de atletas de voleibol feminino, em que 95% das atletas apresentaram níveis elevados de percepção do estresse, demonstrando que atletas do gênero feminino apresentam altos níveis de estresse.

Em relação ao fator “jogar após o 25º ponto em desvantagem” (Tabela 2), que é uma condição específica do esporte voleibol, verificou-se que essa situação não influencia atletas masculinos, entretanto é um fator negativo para o desempenho das mulheres. Nota-se que as mulheres avaliam esse fator como um evento ameaçador, pois não têm recursos e capacidades para enfrentá-lo, sendo influenciadas negativamente por esse estressor (LAZARUS, 1991). Por sua vez, os homens avaliam essa situação como benigna e positiva, pois têm recursos adequados para enfrentá-la e evitar a influência negativa do estresse (LAZARUS, 1993). Esse resultado confirma o estudo de Noce e Samulski (2002) com atacantes de voleibol, em que essa situação foi observada como mais estressante entre as mulheres.

Nesse sentido, o controle eficaz do estresse e sua avaliação positiva são destacados por Thatcher e Day (2008) como parte integrante da preparação de atletas de rendimento, o que pode ter resultado positivo em momentos decisivos de um jogo ou competição. Entretanto, estratégias ineficazes que levam à avaliação negativa dos agentes estressores são prejudiciais ao desempenho, porque aumentam a tensão muscular e ansiedade, e reduzem o foco de atenção dos atletas (ANSHEL; SUTARSO, 2007).

Os momentos críticos de uma partida causam, com frequência, desconforto na maioria dos jogadores (DE ROSE JUNIOR; DESCHAMPS; KORSAKAS, 2001; GOUVEA et al., 2007), principalmente em atletas jovens, jogadores que têm a responsabilidade de decidir e indivíduos do gênero feminino (HAMMERMEISTER; BURTON, 2004). Observa-se que o resultado do presente estudo corrobora tal afirmação, uma vez que “jogar após o 25º ponto em desvantagem” (que é um momento crítico e decisivo do jogo de voleibol) é uma situação estressante negativa para as mulheres. De Rose Junior et al. (2004) apontam ainda que o desempenho do atleta ou da equipe poderá ser afetado nesse momento se a estrutura e coesão do grupo não estiverem sólidas.

Quando se analisou o estresse psicológico pré-competitivo em função das posições de jogo (Tabela 3), constatou-se que os fatores “errar no início do jogo”, “pressão externa para ganhar” e “cobrança de si mesmo” influenciam negativamente os líberos, enquanto levantadores e atacantes os consideram irrelevantes. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de os líberos terem função de destaque

no âmbito da defesa, que é responsável pelo início do ataque, sendo alvo de maior cobrança e pressão. Como esses jogadores têm a função fundamental de recepção e defesa, é imprescindível que eles tenham vontade e pensamento dinâmico, uma vez que a criação de jogadas e a marcação de pontos sempre começam com a defesa ou recepção dos líberos (NOCE, 1999).

Além disso, também foi observado (Tabela 3) que os líberos consideraram a situação “comportamento da torcida fora de casa” de forma mais positiva. Os jogadores de voleibol em geral, assim como observado por Schiavon et al. (2010), veem essa situação como elemento motivador. Em relação à pressão da torcida, Machado (1997) afirma que nem sempre é fácil explicar quais as influências que o público exerce sobre a conduta emocional e motora do atleta, já que, dependendo da personalidade dele e principalmente da idade e experiência, poderá influenciar positiva ou negativamente sua conduta.

Percebe-se que o estresse é um aspecto determinante para o desenvolvimento e o rendimento do atleta, e isso se deve provavelmente à forma como cada indivíduo avalia uma situação estressante e reage a ela. De acordo com Pensgaard e Duda (2003), quanto mais recursos adequados e melhor a capacidade de um indivíduo de reagir a eventos estressantes, menos ameaçadoras essas situações serão e menor será a sensação de perigo ou medo perante situações estressantes.

CONCLUSÃO

Os resultados evidenciaram que as mulheres são mais suscetíveis à influência negativa do estresse, principalmente aos fatores emocionais e comportamentais que podem afetar o rendimento de um atleta. Por sua vez, os atletas masculinos são capazes de avaliar, na maioria das vezes, as situações estressantes como irrelevantes ou positivas, evitando assim o desencadeamento do estresse pré-competitivo. As posições de jogo podem influenciar a percepção que os atletas adultos de voleibol têm das situações de estresse. Neste estudo, como têm papéis extremamente específicos durante o jogo, os atletas com a função de recepção e defesa (líberos) apresentaram maiores níveis de estresse do que aqueles com funções de ataque (levantadores e atacantes).

É fundamental destacar que o estresse pode ser causado por muitos outros fatores do cotidiano de um atleta, e o desempenho esportivo pode ser afetado por muitos outros aspectos psicológicos, físicos, técnicos e/ou táticos. No entanto, no presente estudo, esses fatores não foram analisados por uma questão de limitação da pesquisa, que investigou apenas os fatores e as condições de estresse que podem influenciar o desempenho de um atleta em período de pré-competição.

Além disso, atletas de apenas um Estado foram avaliados, sendo necessários estudos com atletas de outras regiões do Brasil para que sejam realizadas generalizações para o contexto do voleibol nacional. Assim, novos estudos relacionados ao estresse pré-competitivo em atletas adultos de voleibol devem avaliar aspectos que podem influenciar o surgimento das situações estressantes, como faixa etária, modalidade esportiva, posição de jogo, contexto sociocultural e gênero, de modo a possibilitar uma análise dos aspectos situacionais que exercem influência nos atletas adultos.

PRE-COMPETITIVE PSYCHOLOGICAL STRESS AND VOLLEYBALL: A STUDY ON THE ROLE OF GENDER AND THE POSITIONS OF THE GAME

Abstract: This descriptive study aimed to analyze the level of pre-competitive psychological stress of adult volleyball athletes. The subjects were 155 male ($n = 60$) and female ($n = 95$) athletes of the State of Parana. The instruments used were the Volleyball Stress Test. For data analysis, it was applied the Cronbach's alpha, Kolmogorov-Smirnov test, "U" of Mann-Whitney and Kruskal-Wallis ($p < 0.05$). The results showed a significant difference between men and women in 16 factors of stress ($p = 0.001$), indicating a negative influence for women; regarding the positions of game, it was found significant difference in the factors "missing the beginning of the game", "external pressure to win", "charge of himself" and "fans' behavior away" ($p < 0.05$), demonstrating these factors exert negative influence on the liberos. It was concluded that women and liberos (defensive players) are more susceptible to pre-competition psychological stress.

Keywords: psychological stress; sport; volleyball.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, S. M.; VIEIRA, A. P. G. F.; VIEIRA, K. M. F.; AGUIAR, S. M.; NÓBREGA, J. O. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 58, n. 1, p. 34-38, 2009.
- ALIX-SY, D; SCANFF, C. L.; FILAIRE, E. Psychophysiological responses in the pre-competition period in elite soccer players. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 7, p. 446-454, 2008.

ANSHEL, M. H.; SUTARSO, T. Relationships between sources of acute stress and athletes coping style in competitive sport as a function of gender. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, p. 1-24, 2007.

AREIAS, M. E. Q.; GUIMARÃES, L. A. M. Gênero e estresse em trabalhadores de uma universidade do Estado de São Paulo. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 2, p. 255-262, 2004.

BALBIM, G. M.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, L. F. Estresse psicológico pré-competitivo em atletas de voleibol do Estado do Paraná. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 16, p. 1-7, 2011.

BARROS, M. V. G.; NAHAS, M. V. Comportamentos de risco, auto-avaliação do nível de saúde e percepção de estresse entre trabalhadores da indústria. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, n. 6, p. 554-563, 2001.

CALAIS, S. L.; ANDRADE, L. M. B.; LIPP, M. E. N. Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de estresse em adultos jovens. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 2, p. 257-263, 2003.

CAMELO, S. H. H.; ANGERAMI, E. L. S. Sintomas de estresse nos trabalhadores atuantes em cinco núcleos de saúde da família. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 14-21, 2004.

DE ROSE JUNIOR, D. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 4, p. 19-26, 2002.

DE ROSE JUNIOR, D.; DESCHAMPS, S. R.; KORSAKAS, P. O jogo como fonte de stress no basquete infanto-juvenil. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 6, p. 36-44, 2001.

DE ROSE JUNIOR, D.; SATO, C. T.; SELINGARDI, D.; BETTENCOURT, E. L.; BARROS, J. C. T. S.; FERREIRA, M. C. M. Situações de jogo como fonte de "stress" em modalidades esportivas coletivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 385-395, 2004.

FEIJÓ, R. B.; OLIVEIRA, E. A. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de Pediatria**, v. 77, p. 125-134, 2001.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S.; DUNKEL-SCHETTER, C.; DELONGIS, A.; GRUEN, R. J. Dynamics of a stressful encounter: cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, n. 5, p. 992-1003, 1986.

FRESTER, R. Der Belastungssymptomtest: Ein Verfahren zur Analyse der Verarbeitung psychisch belastender Bedingungen bei Sportlern. In: KUNATH, P. **Beiträge zur Sportpsychologie**. Berlin: Sportverlag, 1972. p. 148-161.

GIACOBBI, J. R.; LYNN, T. K.; WETHERINGTON, J. M.; JENKINS, J.; BODENDORF, M.; LANGLEY, B. Stress and coping during the transition to university for first-year female athletes. **The Sport Psychologist**, v. 18, n. 1, p. 1-20, 2004.

GOUVEA, F. L.; BEISIEGEL, M. L.; FONSECA NETO, D. R.; OLIVEIRA, M. M. A.; LOPES, M. B. S. Estresse psíquico no voleibol infanto-juvenil: avaliação de situações de treino. **Revista Saúde**, v. 9, n. 21, p. 19-26, 2007.

HAMMERMEISTER, J.; BURTON, D. B. Gender differences in coping with endurance sport stress: are men from mars and women from venus? **Journal of Sport Behavior**, v. 27, n. 2, p. 148-164, 2004.

KELLER, B.; OKASAKI, F. H. A.; LIMA, R. F.; COELHO, R. W. Relação dos sintomas de estresse e o tempo de prática no voleibol feminino. **Journal of Exercise and Sport Sciences**, v. 1, n. 1, p. 6-8, 2005.

KORUC, Z.; ARSAN, N.; KAGAN, S.; KOCAEKSI S. Competitive anxiety and concentration levels of football players. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 6, n. 10, p. 154-155, 2007.

LAZARUS, R. S. Cognition and motivation in emotion. **American Psychologist**, v. 46, p. 352-367, 1991.

LAZARUS, R. S. Coping theory and research: Past, present, and future. **Psychosomatic Medicine**, v. 55, p. 234-247, 1993.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. Transactional theory and research on emotions and coping. **European Journal of Personality**, v. 1, p. 141-169, 1987.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. N. O stress no Brasil de hoje. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **O stress no Brasil: pesquisas avançadas**. Campinas: Papyrus, 2004. p. 215-223.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997.

MARQUES, R. S.; CIPRIANI, M.; MELO, G. F.; GIAVONI, A. Os níveis de estresse pré-competitivo de atletas classificados segundo a tipologia dos esquemas de gênero. **Motriz**. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 59-68, 2010.

NOCE, F. **Análise do estresse psíquico em atletas de voleibol de alto nível: um estudo comparativo entre gêneros**. 1999. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Treinamento Esportivo)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

NOCE, F.; SAMULSKI, D. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 113-129, 2002.

PENSGAARD, A. M.; DUDA, J. L. Sydney 2000: the interplay between emotions coping and the performance of Olympic-Level Athletes. **The Sport Psychologist**, v. 17, p. 253-267, 2003.

ROHLFS, I. C. P. M.; MARA, L. S.; LIMA, W. C.; CARVALHO, T. Relação da síndrome do excesso de treinamento com estresse, fadiga e serotonina. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, n. 6, p. 367-372, 2005.

SCHIAVON, M. K.; FISCHER, F.; MACHADO, A. A.; VERZANI, R. H.; GOUVEA, F. C. Percepção dos atletas de voleibol sobre a influência da torcida. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 9, n. 2, p. 203-208, 2010.

STEFANELLO, J. M. F. **Treinamento de competências psicológicas**: em busca da excelência esportiva. Barueri: Manole, 2007.

STRAUB, R. O. **Psicologia da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TEIPEL, D. **Beanspruchung von Spielern und Trainern im Fussball**. Köln: Sport und Buch Strauss, 1992.

THATCHER, J.; DAY, M. C. Re-appraising stress appraisals: the underlying properties of stress in sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, p. 318-335, 2008.

Contato

José Roberto Andrade do Nascimento Junior
E-mail: jroberto.jrs01@gmail.com

Tramitação

Recebido em 19 de março de 2012
Aceito em 8 de agosto de 2013